

Poder Popular



Director: Eduardo Ferro Rodrigues

Órgão do Movimento de Esquerda Socialista

Ano I N.º 36 6/12 de Abril de 1976 Preço 4\$00

MANIFESTO À CLASSE OPERÁRIA E AO POVO

O Movimento de Esquerda Socialista — M.E.S., Partido da esquerda revolucionária que sempre tem estado na frente na luta pelo avanço do processo revolucionário contra o fascismo e o capitalismo, pela Democracia, pela Liberdade, pelo Poder Popular e pelo Socialismo, candidata-se às eleições para a Assembleia da República em todos os círculos do Continente, nos Açores, na Madeira e pela emigração sob a palavra de ordem **UNIDADE DO POVO, CONTRA O FASCISMO, PELO PODER POPULAR.**

As listas do M.E.S. são listas de unidade e nelas se integram homens e mulheres que se batem nas empresas, nos bairros e nos campos, chamando à luta todos os explorados e oprimidos, sem sectarismo, como sempre fizemos em todas as circunstâncias.

As listas do M.E.S. são listas de unidade contra o fascismo que é uma ameaça real contra o povo.

As listas do M.E.S. são listas de unidade contra o fascismo e pelo Poder Popular, conquista e experiência decisiva dos trabalhadores na luta pela sua libertação e pelo socialismo.

Unir a classe operária e os trabalhadores

Unir o povo

Erguer a Resistência Popular!

Perante o avanço dos exploradores do povo e da ameaça fascista, perante a repressão que se organiza e se abate já sobre ele, perante a mentira e a calúnia que imperam e com que tentam dividir o povo, perante a ameaça da miséria e da exploração redobrada, o M.E.S., Partido da esquerda revolucionária empenha-se com todas as forças e apela à luta:

- pela unidade dos revolucionários;
- pela unidade da classe operária;
- pela unidade dos trabalhadores nas cidades, nos campos, nas minas e no mar;
- PELA UNIDADE DO POVO!

Mas que UNIDADE?

O M.E.S. luta e os seus deputados — deputados pelo Poder Popular — lutarão contra tudo e todos os que tentam dividir os trabalhadores e destruir as suas organizações.

O M.E.S. recusa frontalmente a falsa unidade em gabinetes e nas costas dos trabalhadores e do povo.

O M.E.S. aponta à classe operária e ao povo trabalhador a unidade real, a única UNIDADE real, a unidade forjada na luta pela defesa dos interesses comuns, em que com a classe operária à frente, com os trabalhadores e o povo, se constrói um movimento popular capaz de opor uma muralha à contra-ofensiva da burguesia e destruir a ameaça fascista.

O M.E.S. luta contra o pluralismo e o controlo burocrático dos sindicatos, luta pela unidade e democraticidade das organizações sindicais.

O M.E.S. luta contra o sectarismo e o dirigismo que fazem da Intersindical um instrumento de conciliação de classes e aponta aos trabalhadores a construção duma Central Sindical Única onde a democracia interna e uma linha sindical estejam asseguradas, como objectivo imediato e inadiável.

O M.E.S. luta e chama a classe operária e o povo a lutar pela defesa intransigente dos órgãos de Poder Popular.

O M.E.S. apela a todo o povo trabalhador, a todos os revolucionários e antifascistas que se unam e organizem por todo o país em comités unitários, lançando



as bases de uma poderosa frente de massas antifascista, anticapitalista e anti-imperialista.

Sem unidade e organização não há força e sem força não há vitória. Apontando o caminho da unidade e da luta o M.E.S. aponta também o caminho da organização.

Aos derrotistas e conciliadores aos que objectivamente nos querem conduzir à derrota, perguntamos:

— Que força há aí capaz de resistir à classe operária e ao povo unidos e organizados?
NENHUMA!



Por isso o M.E.S. ao apelar à unidade, à organização do povo contra os exploradores e a ameaça fascista, ao apontar o caminho da RESISTÊNCIA POPULAR aponta o único caminho capaz de impedir o regresso ao fascismo e à miséria e de LEVAR O POVO À VITÓRIA DEFINITIVA SOBRE TODA A EXPLORAÇÃO!

Lutar contra o fascismo contra a repressão e a mentira pela democracia e pela liberdade!

O M.E.S. lutou, luta e lutará na vanguarda do movimento popular pela democracia e pela liberdade contra o fascismo que de novo ameaça o nosso país.

O M.E.S. luta e lutará contra o ataque cerrado dos exploradores que manejam as suas armas de sempre, a repressão e a mentira, para restaurar os privilégios e o poder ameaçados pelo vigor e determinação do movimento popular.

Unidos e organizados saberemos defender as organizações e as conquistas revolucionárias do povo

As Comissões de Trabalhadores, de Moradores, os Conselhos de Aldeia e as Assembleias Populares;
Os Sindicatos e a unidade do Movimento Sindical;
As Ligas e associações camponesas;
São a mais forte barreira contra a repressão e o fascismo em volta da qual devemos cerrar fileiras.

Unidos e organizados saberemos fazer face à repressão

O M.E.S. — Partido da esquerda revolucionária — diz à classe operária e ao povo:

Lutemos pela libertação e reitegração nos seus postos de todos os militares antifascistas e revolucionários presos e saneados!

O M.E.S. denuncia a profissionalização das Forças Armadas! O povo não quer mercenários nos quartéis. Lutemos pela libertades de reunião e informação nos quartéis!

A reorganização dos fascistas, as leis de excepção, a ingerência do Estado nas organizações democráticas das massas trabalhadoras e a reorganização das forças repressivas do Estado são outras tantas facetas do ataque generalizado das forças do capital contra o povo e as suas conquistas.

O M.E.S. denuncia a reorganização da PSP e da GNR, novas e monstruosas polícias de choque ao serviço do capital!

Continua na pág. 3

CANDIDATOS DO MES DEPUTADOS PELO PODER POPULAR



ELEIÇÕES

SESSÕES DE ESCLARECIMENTO

DIA 6
AVEIRO
 Lourosa, na Escola do Ciclo Preparatório, 21.30; Ovar, no Racing Club, 21.30;; Aveiro, no Ginásio da Escola Secundária, 21.30.

BEJA
 Alfundão, (Ferreira do Alentejo), 21.30; Peroguarda (Ferreira do Alentejo), 21.30.

COIMBRA
 Santo André de Poiares, 21.30; Alqueidão, 21.30.

FARO
 Olhão, 21.30; Rio Seco, 21.30; Conceição de Tavira, 21.30; Portas de Margil (Faro), 21.30.

GUARDA
 Frêineda, 21.00; Famalicão, 21.00.

LISBOA
 Escola Primária da Amoreira, 21.30; Cine-Teatro de Belas, 21.30; Clube Atlético de Campolide, 21.30; CUF (Debate com outras organizações políticas), 17.30; Academia Grandela, Benfica, 21.30; Sociedade Boa-União, R. Beco das Cruzes, 9, 21.30.

PORTALEGRE
 Urra, 21.00.

SETÚBAL
 Pinhal Novo, na Sociedade Filarmónica União Artística, 21.30.

DIA 7
AVEIRO
 Espinho, na Piscina do Solário Atlântico, 21.30; Albergaria-a-Velha, na Escola Preparatória, 21.30.

BEJA
 Ervidel (Aljustrel) 21.30; Sta iria (Serpa) 21.30.

CASTELO BRANCO
 Vale Formoso (Covilhã) 21.00.

LEIRIA
 Marinha Grande, 21.30.

PORTALEGRE
 Vila Nova (Portalegre) 21.30.

SETÚBAL
 Casebres, Casa do Povo, 21.30; Trafaria, na R.D.T., 21.30.

VISEU
 Avões (Lamego), 21.30.

DIA 8
AVEIRO
 Vale Domingos, Escola Primária 21.30; S. Roque Escola Primária 21.30.

BEJA
 Baleizão (Beja) 21.30.

CASTELO BRANCO
 Repaxo (C. Branco) 21.00.

PORTALEGRE
 Ribeira de Misa (Misa) 21.00

SETÚBAL
 Baixa da Banheira GAC 21.30; Azinheira de Barros Casa do Povo 21.30; Melides Casa do Povo, 21.30.

DIA 9
AVEIRO
 S. João da Madeira, Ginásio da Escola Prep. Dias Garcia 21.30.

BEJA
 Beringel (Beja) 21.30; Monbeja (Beja) 21.30.

CASTELO BRANCO
 Belmonte 21.00; Oleiros 21.00.

ÉVORA
 Santana do Campo (Arvaiolas) 21.00.

PORTALEGRE
 Montemos 21.00.

SETÚBAL
 Azoia Soc. Luís Pinhal Francisco, 21.30; Moita Marítimo Futebol Clube 21.30; Quinta do Anjo Casa do Povo 21.30.

DIA 10
AVEIRO
 São João de Ver Junta de Freguesia 21.30.

BEJA
 Serpa 21.30.

CASTELO BRANCO
 Verdelhos (Covilhã) 21.00; Idanha-a-Velha 21.00.

ÉVORA
 Aldeia da Serra (Arraiolos) 16.00.



HORÁRIO DAS EMISSÕES NA RÁDIO E TV

NA SEMANA DE 6 A 13 de ABRIL

DIA	HORA	POSTO EMISSOR	TEMAS	INTERVENIENTES
6	20.00	RDP	Terrorismo fascista	Nuno Teotónio Pereira, do C. C.,
	23.30	RR	Entrevista com candidatos	Eduardo Graça, do C. C., candidato por Lisboa
7	10.30	RR	Entrevista com candidatos	António Moreira, candidato por Beja
	19.20	RDP	Situação da classe operária	Augusto Mateus, do CC, candidato por Lisboa
8	23.30	RR	A propósito da manifestação dos moradores pobres de Lisboa	António Machado, candidato independente por Lisboa
	9	13.30	RTP	Situação das massas trabalhadoras
10	20.10	RDP	Situação dos moradores dos bairros pobres de Lisboa	Moreira, candidato por Beja, e Francisco Vieira candidato pelo Porto
	23.40	RR	Entrevista com candidatos	António Machado, candidato independente por Lisboa
11	19.30	RDP	O voto dos apertadários do Poder Popular é o voto no MES	Nuno Teotónio Pereira, do CC, candidato por Lisboa
	12	20.10	RDP	Social-Democracia e Liberdade
21.00		RTP	Sentido da nossa candidatura	Vitor Wengorovius e E. Moço, do CC, candidatos por Santarém
	23.00	RR	A questão da Saúde	Eduardo Graça, do CC, candidato por Lisboa
				Miguel Alarcão, candidato por Lisboa

Devido a necessidades imediatas, impossíveis de ultrapassar de outra forma, e que se explicam pela importância de conciliar a continuação da publicação do «Poder Popular» durante a campanha eleitoral, com a edição de outros documentos de grande urgência para a mesma, no quadro das dificuldades financeiras que o MES tem (por não ter outros subsídios que não os provenientes das quotas dos seus próprios membros), este número do «Poder Popular» a título excepcional, apenas tem 8 páginas, facto que esperamos seja compreendido pelos nossos leitores e assinantes.

MANIFESTO

Continuação da pág. 1

O M.E.S. denuncia a libertação descarada dos Pides e criminosos fascistas!

O regresso dos patrões e dos saneados das empresas e do Estado são ultrage autêntico às conquistas do povo, como as nacionalizações e o controlo operário nas empresas.

A liberdade de acção das organizações dos grandes agrários como a CAP é ameaça insolente à Reforma Agrária e à determinação dos trabalhadores do campo varrerem de vez a exploração e a opressão dos latifundiários e dos capitalistas.

Unidos e organizados, saberemos desmascarar as mentiras e as calúnias dos burgueses

A manipulação da opinião pública pelos meios de informação dos reaccionários, os ataques aos meios de informação progressistas, os trabalhadores progressistas de informação saneados pela direita, são outros tantos meios que a burguesia e os seus lacaios têm usado para reprimir o povo e atacar as suas conquistas, a democracia e a liberdade.

O M.E.S. — Partido da esquerda revolucionária — diz à classe operária e ao povo:

Defendemos os meios de informação progressistas!

Reintegração dos progressistas da informação saneados, já!

Ergamos uma informação livre e popular nas empresas e nos bairros, uma imprensa regional livre e popular!

Lutar contra a exploração e a miséria!

Que medidas interessam aos trabalhadores e ao povo?

Que objectivos apontamos à luta do povo contra a exploração e a miséria?

O M.E.S. — Partido da esquerda revolucionária — define como programa de luta, como programa de luta dos seus deputados e como programa de luta contra a miséria e a exploração, e aponta à classe operária e ao povo o seguinte:

Lutar pela melhoria das condições de trabalho e de vida

- aumento dos salários e redução dos leques
- aumento do subsídio de desemprego e das pensões de reforma
- salário completo na doença
- redução do horário e dos ritmos do trabalho e limitação das horas extraordinárias
- congelamento do preço dos produtos de primeira necessidade e combate à sua escassez motivada pela especulação e pelo mercado negro.
- fim aos despedimentos colectivos e sem justa causa
- defesa das ocupações e dos abaixamentos de rendas
- realojamento, educação, saúde e transportes melhores e mais baratos
- uma Previdência ao serviço dos trabalhadores e gerida por eles.

Consolidação das Nacionalizações e da Reforma Agrária

- desmantelamento dos grupos financeiros
- desenvolvimento do controlo operário
- organização dos trabalhadores rurais, garantindo a gestão colectiva das herdades e cooperativas e a organização do campesinato pobre com vista à resolução dos seus problemas mais imediatos em ligação crescente com os trabalhadores rurais e a classe operária.

Combate à reconversão capitalista da economia portuguesa

- contra o aumento dos horários e ritmos de trabalho
- contra o regresso dos patrões
- contra o boicote da contratação colectiva
- contra o boicote das empresas geridas pelos trabalhadores
- contra o boicote das empresas geridas pelos trabalhadores
- contra a política que visa fazer dos sectores nacionalizados a base de acumulação do capital

privado e preparar o enfeudamento de Portugal ao capital estrangeiro.

Combate às medidas políticas antipopulares

- pelo direito à greve — greve sim, lock-out não; não;
- revogação da lei que permite os despedimentos sem justa causa. Direito ao trabalho sim, desemprego não!
- revogação da lei da contratação colectiva
- contra a discriminação de que são vítimas os trabalhadores da função pública, quanto ao exercício da acção sindical e contratação
- contra a ingerência do Governo nos Sindicatos.

Lutar contra o Imperialismo e pela Independência Nacional!

Por mais que os ministros burgueses do VI Governo apregoem os seus propósitos de garantir a independência do nosso país, a verdade salta à vista.

O poder reaccionário instalado depois do 25 de Novembro faz uma política de venda da nossa Pátria ao imperialismo!

Os partidos que partilham o poder... é ver os seus dirigentes de chapéu na mão por essa Europa fora pedindo empréstimos aos capitalistas estrangeiros.

Queira ou não queira o ministro Zenha, as reservas de ouro já começaram a ser hipotecadas aos bancos estrangeiros.

Todos querem aparecer perante o povo como defensores da independência nacional. Mas, perante a burguesia é vê-los competir a ver quem tem mais «amigos» no estrangeiro... «amigos» que o povo bem conhece. Foi a eles que Salazar e Caetano abriram as portas para que se instalassem a sugar o trabalho dos portugueses... E assim que a luta do povo impôs a subida de salários, a melhoria das condições de trabalho, o controlo dos trabalhadores sobre a produção, o que é que aconteceu?

Malinhas feitas às escondidas, toca de fechar as empresas e transferir o negócio para outro sítio onde o povo ainda esteja enganado ou adormecido!

O povo não deseja esses «amigos». O povo trabalhador sabe que tem de contar essencialmente com as suas próprias forças e o único apoio que deseja é aquele que lhe vem dos que, dos seus países, também lutam contra a exploração e a miséria.

Os acordos económicos e militares com os países imperialistas, o Mercado Comum e a NATO são outras tantas maneiras de vender o País ao capital

internacional e fazer dele joguete nas disputas entre as grandes potências.

O MES, que coloca como grande objectivo de luta do povo a independência nacional. diz:

Não à dependência do nosso país ao imperialismo internacional!

Não à venda do País ao capital estrangeiro! Portugal fora da NATO! NATO fora de Portugal!

Portugal não será joguete das grandes potências!

Sim à aliança entre os povos e países em luta contra o imperialismo e pela independência nacional! Sim à aliança com os povos irmãos da Guiné-Cabo Verde, Angola e Moçambique!

Lutar contra o capitalismo pelo Poder Popular e pelo Socialismo!

O fascismo é a ditadura dos capitalistas sem a capa das falsas liberdades e da falsa democracia. A ameaça fascista será derrotada quando estiver destruída a raiz do mal: a exploração do capital sobre o povo trabalhador, a vida faustosa duma meia-dúzia de parasitas à custa da miséria da maioria.

Hoje a tarefa imediata que o MES aponta à classe operária e ao povo é **unir para resistir**.

Mas lutando contra o fascismo e a repressão burguesa não perderemos um minuto em reagrupar as forças populares para retomar a ofensiva, lutando e vencendo o capitalismo e o imperialismo.

Defendendo as preciosas conquistas do movimento popular, defendendo o controlo operário e o Poder Popular preparamos o futuro radioso e livre do povo português, a construção dum País socialista e independente.

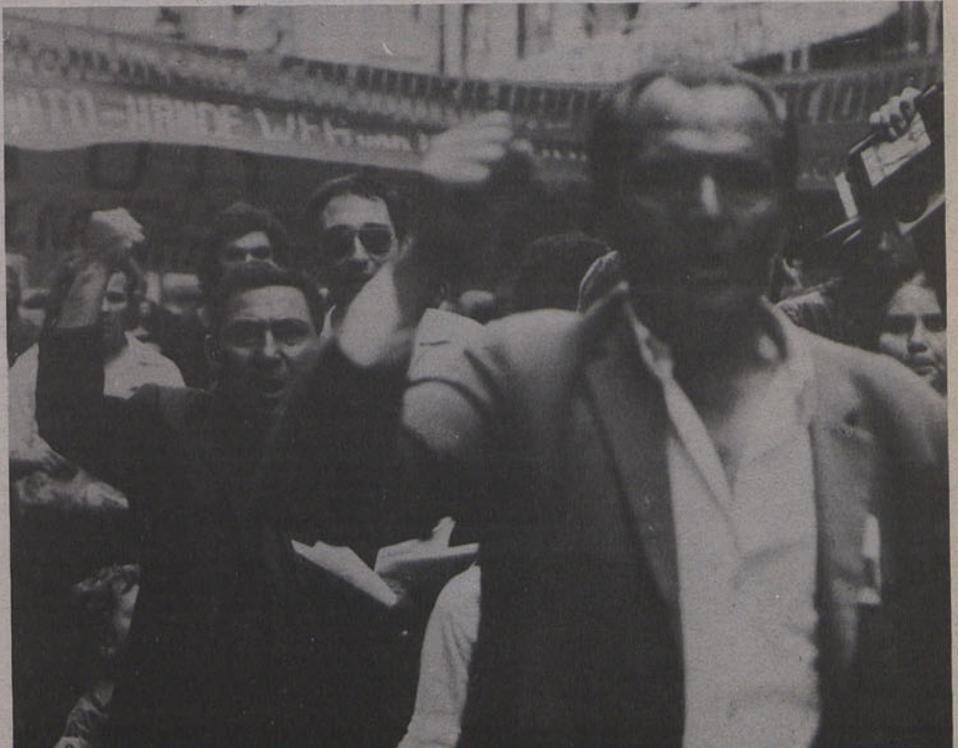
O caminho que o MES aponta à classe operária e ao povo é o caminho que a experiência encetada com o 25 de Abril comprovou.

É o caminho do Poder Popular.

É o caminho do controlo operário dos trabalhadores sobre a produção.

É o caminho das Assembleias Populares, em que o povo não delega em ninguém a expressão da sua vontade e toma nas suas próprias mãos a direcção de toda a sociedade.

É o caminho do socialismo e da independência nacional, aspiração universal de todas as classes oprimidas, para construirmos uma sociedade sem classes, sem exploradores nem explorados.



ALCÁCER — resposta firme aos ataques da direita e às manobras divisionistas

A Reforma Agrária, frente de luta onde se jogam decisivas opções de classe, é — como não podia deixar de ser — um dos alvos mais ferocemente visados pelas forças reacçãoárias e todos quantos deixam manter os privilégios de exploração de que sempre gozaram.

Incapazes de recuperar as terras que os trabalhadores conquistaram, as forças capitalistas vão pressionando o Governo para que tome as medidas económicas que façam com que sejam os trabalhadores a pagar o preço da reconversão (em termos capitalistas) da produção agrícola.

Em resumo: os trabalhadores seriam sugados por impostos e ver-se-iam privados das melhores terras (regadio). Passariam, pois, a trabalhar mais (como já acontece, visto que conquistaram para a lavoura milhares de hectares que antes não eram semeados) e continuariam na miséria, recebendo apenas o indispensável para

subsistirem e continuarem a produzir.

Ao mesmo tempo que desenvolve esta política anti-popular, o Governo afasta dos centros de Reforma Agrária os técnicos progressistas que ali trabalhavam e que poderiam alertar os trabalhadores para estas manobras. É assim que logo a seguir ao 25 de Novembro assistimos ao saneamento dos vários centros e que a partir daí, os novos directores («independentes» filiados no PS e no PPD) passam a fornecer listas de elementos a «transferir» para longe pela simples razão de sempre se terem colocado ao lado dos trabalhadores e lutado pelo avanço da Reforma Agrária.

Estes processos de saneamento atingem já cerca de 40 técnicos, e têm motivado grandes mobilizações de trabalhadores contra tais medidas reacçãoárias e pela defesa das suas conquistas.

ALCÁCER — Os saneamentos são motivo para mobilização de massas

O Centro de Alcácer não fez excepção neste ponto. O novo director — o Parranças, propôs o saneamento de seis trabalhadores.

Em reunião realizada para discutir este assunto, bem como as medidas económicas que vêm sendo decretadas em seu prejuízo, os trabalhadores rurais de cerca de 30 cooperativas decidiram realizar em frente ao centro uma concentração, na passada terça-feira.

GNR para reprimir os trabalhadores

Na terça-feira, algumas horas antes do início da concentração, forte aparato policial cercou o centro. Vários elementos da GNR fortemente armados enfrentaram os trabalhadores, lembrando que a burguesia se sente de novo forte, e que já conta novamente com lacaios poderosos.

Nem por isso os trabalhadores se intimidaram. Pelo contrário, durante várias horas, as centenas de trabalhadores

presentes, deram uma lição de determinação e coragem, de consciência política e certeza de vencer.

De uma varanda, vários trabalhadores afirmaram as razões que ali os tinham levado, exigindo «que os 6 camaradas não fossem saneados e que afastado fosse o Parranças, o novo director do Centro».

Também as forças policiais foram interpeladas: «os soldados da GNR que aí estão virados contra o povo que aprendam esta lição e que vejam com os seus olhos quem são os homens que aqui estão. Que conheçam os homens e as mulheres que lutam pela Reforma Agrária e os seus problemas. Para que amanhã, se forem mandados fazer buscas em cooperativas ou atacar-nos, se recusem e se juntem a nós como é seu dever». E acrescentando ainda «mesmo que nos matem não levarão a vossa avante! Terão de ir vocês trabalhar a terra, pois sem trabalho não há pão».

QUEM DIVIDE OS TRABALHADORES

Entretanto, foi visível, e mesmo referido em algumas intervenções, que várias cooperativas que sempre estiveram à frente da luta, não compareceram.

Porquê? Soube-se que em várias cooperativas foram recebidos telefonemas que visavam desmobilizar os trabalhadores. Afirmavam que a manifestação era divisionista e até reacçãoária.

O mesmo afirmaria posteriormente um comunicado do PCP. É caso para perguntar: **A luta contra os saneamentos dos que na prática mostram estar com os trabalhadores e com a Reforma Agrária, será uma luta reacçãoária e divisionista?** Quem é que está a dividir os trabalhadores?

CALÚNIAS E MENTIRAS

Entretanto no mesmo comunicado, o PCP misturando assuntos que nada têm a ver com os que agora estão em jogo, afirma que a antiga di-

recção do centro era afectada ao MES e à UDP e lança sobre ela boatos e calúnias.

Este comunicado ajuda-nos a compreender uma primeira coisa: porque é que a concentração em Alcácer era reacçãoária e divisionista, e em Santarém, onde também se realizou uma concentração pelos mesmos motivos, já ela contou com o apoio do PCP? Será que em Santarém a luta é justa só porque os saneados são afectos ao PCP?

Mas não é só aqui que o PCP joga com os interesses dos trabalhadores. No mesmo comunicado faz a reabilitação do Parranças, afirmando que foi a antiga direcção do centro quem fez o contrato que levou à entrega de 60 contos a uma latifundiária da zona, causando indignação nos trabalhadores cujos pedidos de empréstimo não têm sido atendidos.

Qual a verdade? O que se passou foi o seguinte: no tempo da anterior direcção foi fei-

to o contrato de venda de cabras da latifundiária para a cooperativa 17 de Maio em Santa Susana, no valor de 180 contos.

A primeira prestação de 60 contos não foi entregue pela antiga direcção à latifundiária, mas sim utilizada para pagamento de salários dos trabalhadores da herdade da Boa Vista, a quem ela devia dinheiro. Foi isto que não fez o Parranças. Ele entregou à latifundiária os 60 contos da segunda prestação, não se importando com as dívidas que ela tem, e de que o centro tem conhecimento (cerca de 400 contos).

Assim perguntamos aos senhores do PCP: porque pretendem enganar os trabalhadores? Porque razão vêm agora acusar pessoas que já foram saneadas há dois meses pela simples razão de lutarem pelo avanço da Reforma Agrária? Não será este comunicado do PCP que é divisionista e reacçãoário?

J. PIMENTA Não ao fim da empresa Pelo direito ao trabalho

Os trabalhadores do J. Pimenta estão em luta face à situação da empresa, dado que estão em perigo de deixar de receber os seus salários.

Por esta razão decidiram concentrar-se em frente a S. Bento, exigindo medidas urgentes do Governo.

No dia seguinte ao da concentração os operários realizaram um Plenário onde a situação foi mais uma vez discutida bem como as formas de luta a adoptar.

Decidiu-se: 1.º Considerando a incapacidade governamental para resolver o problema da empresa, a CT terá de entrar em contacto imediato com o 1.º ministro no sentido

de se efectuar urgentemente uma reunião entre a comissão administrativa e a CT da empresa e Ministérios da Habitação, Obras Públicas e Finanças.

2.º Regresso dos trabalhadores aos locais de trabalho, devendo ser informados pela CT do andamento destas diligências.

3.º Recusa de que os 20 mil contos destinados à obra da EPUL sejam gastos em fins estranhos àquela empreitada, salvo se o ministro da Habitação oficializar as afirmações que tem feito aos órgãos de informação (nomeadamente «A Luta») sobre a utilização dessa verba no

Comunicado dos trabalhadores

A Empresa J. Pimenta tem sido vítima dum sistemático boicote da Secretaria de Estado da Construção Civil, que a continuar tornará impossível o seu funcionamento. Esta Empresa tem óptimas condições para construir habitações que o Povo Português tanto anseia, tem projectos em carteira, tem uma grande parque de máquinas, tem 2500 trabalhadores. Mas tem também um enorme défice (650 000 contos em Dezembro de 1974), provocado pela administração de João Pimenta. Os trabalhadores em devido tempo, apresentaram às entidades competentes um Projecto de Reconversão que solucionava todo o problema da empresa. Desde Fevereiro do corrente ano que a Comissão de Trabalhadores de J. Pimenta tem feito múltiplos contactos (cartas, entrevistas, telefonemas) com o secretário de Estado da Construção Civil, eng. Álvaro Pinto Correia, no sentido deste resolver de imediato os problemas pontuais que afligem a Empresa e a curto prazo os problemas estruturais.

Nada foi feito! Os materiais escasseiam nas obras. Os fornecedores recusam-se, logicamente, a fornecer, na medida em que põe em risco a sobrevivência das suas empresas. O secretário de Estado da Construção Civil apresenta-nos «soluções» tais como diminuir o pagamento aos fornecedores, através de reforma de letras, ignorando a viabilidade económica dessas empresas e o direito ao trabalho dos trabalhadores que nelas laboram.

Por isso os trabalhadores de J. Pimenta levantam-se!

Exigem aquilo a que têm direito. Exigem que o secretário de Estado da Construção Civil cumpra as directrizes que o ministro da Habitação, eng. Ribeiro Pereira, lhe deu na presença da Comissão de Trabalhadores. Os trabalhadores de J. Pimenta estão em luta pelo direito ao trabalho. Não queremos favores! Exigem aquilo a que têm direito e que está previsto na lei!

Em frente com o projecto de reconversão da empresa J. Pimenta!

Não ao fim da empresa, sim ao trabalho!

Abaixo a reacção!

Unidos, organizados, venceremos!

Queluz, 30 de Março de 1976

OS TRABALHADORES DE J. PIMENTA

pagamento dos salários de Março.

4.º Informar os retornados instalados no Aparthotel de Paço de Arcos, bem como as entidades competentes que dada a situação da empresa, não poderão continuar a ser fornecidas as refeições.

Entretanto e até agora nada foi resolvido, tudo se mantendo em aberto.

Também continua por definir a situação de dois novos elementos, nomeados para a Comissão Administrativa e que não gozam da confiança dos trabalhadores.

Terá este último facto alguma relação com a alegada falha de dinheiro para os salários? Pretenderá assim o Governo «pressionar» os trabalhadores?

Não há dúvida de que

a Comissão Administrativa se tem colocado ao lado dos trabalhadores. Daí os esforços em a destruir daqueles que pretendem abrir caminho à recuperação capitalista da empresa. Também aliás a CT vem sendo objecto de violentos ataques.

Mas os trabalhadores de J. Pimenta mais uma vez saberão responder! A luta continua!



SANIMAR — depois da GNR a chantagem

Há três semanas que foram encerradas pela G.N.R., com grande aparato e «ardor repressivo» as instalações da SANIMAR, fábrica de materiais para a construção civil.

Conforme afirmávamos no n.º 34, o Ministério vivava por despacho, **conseguir a recuperação capitalista da empresa.** Para isso destituiu a Comissão de Gestão existente (formada por 5 trabalhadores e 1 funcionário público), substituindo-a por outra sem participação dos trabalhadores. No mesmo despacho já se determinava o encerramento da empresa.

Face à firme determinação dos trabalhadores em defenderem as suas conquistas, o Governo enviou a G.N.R. e selou as instalações

Desde aí têm tido lugar negociações. Os trabalhadores pretendem que a fábrica recomece a trabalhar e aceite reestruturar a Comissão de Gestão, mas insistem

em que os seus interesses têm de ser salvaguardados — assim, têm defendido que para além de três gestores a Comissão de Gestão deve ser integrada por três trabalhadores.

Entretanto novas formas de pressão vêm sendo utilizadas contra os trabalhadores. **Depois da G.N.R. é agora a chantagem.**

Na verdade, quando as instalações foram seladas, o despacho garantia o pagamento dos salários aos trabalhadores. Agora dizem que só pagam quando a empresa reabrir... Vendo, face à unidade, mobilização e consciencialização dos trabalhadores, que a manobra de fechar as instalações não adiantou, o Governo pretende agora evitar maiores estragos... e quer que a Comissão de Trabalhadores se responsabilize pela **abertura sem «incidentes».**

Perguntamos se foram os mercenários da G.N.R.,

quem com chaimites e G 3, perturbou a ordem de quem trabalha, encerrando as instalações, impedindo a produção, com prejuízo para todos, porque se vem agora com exigências de compromissos por parte dos trabalhadores? Não serão antes o Ministério e os esbirros armados quem deverá tomar tais compromissos?

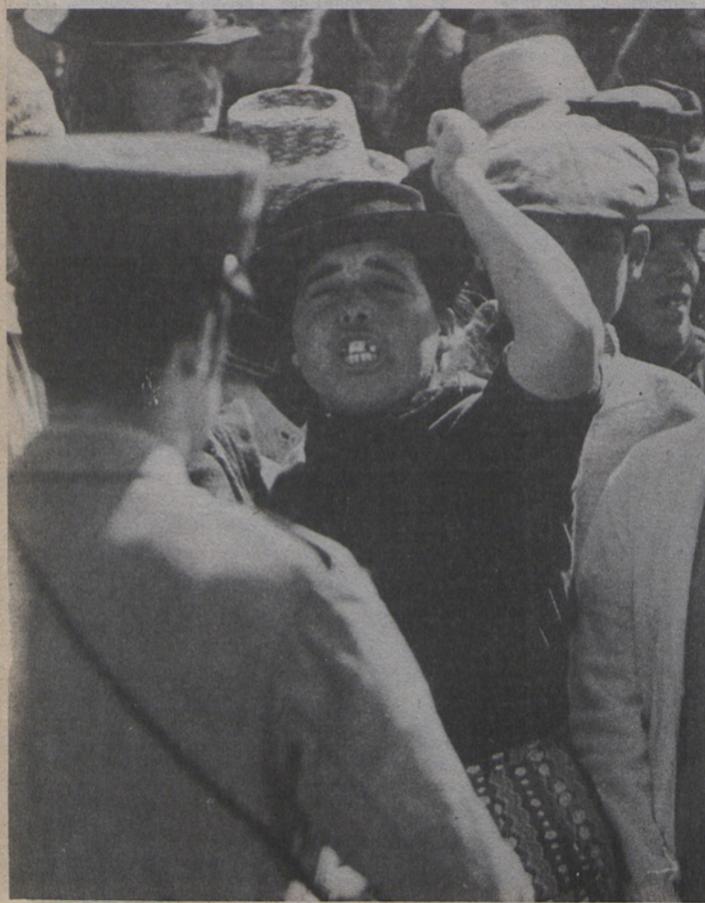
A Comissão de Trabalhadores respondeu como devia a mais esta manobra: «proponham isso ao plenário! Se querem um compromisso dos trabalhadores, só aos trabalhadores cabe assumi-lo ou recusá-lo!»

Os trabalhadores da SANIMAR têm até aqui sabido dar uma resposta firme à repressão capitalista do Governo e suas policcias.

A sua luta é a luta de todos os explorados contra o avanço da direita.

Resistamos, e venceremos!

Poder Popular '76





Solidariedade com Angola!

colonização angolana, embora, acentua-se, não sejam os únicos;

2.º — Porque a luta que o povo angolano travou até ao 25 de Abril e depois dele é justa;

3.º — Porque há uma ligação histórica e efectiva e profundos laços de ordem afectiva entre Angola e Portugal;

4.º — Porque o povo angolano necessita real e urgentemente dessa ajuda.

ANGOLA é um país, onde houve e ainda há guerra, onde se luta pela paz, pela independência nacional, pela liberdade, pela justiça, pela não discriminação racial, pela educação, pelo pão!

ANGOLA é um país imenso, saqueado e violentado; cujo ventre ainda está prenhe de riquezas inexploradas, mas onde neste momento só há abundância de coragem, solidariedade humana, dignidade, de vontade de vencer e... de doenças e carências materiais várias!

ANGOLA é um país abandonado pelos médicos, há neste momento um único médico português em regime de voluntariado.

ANGOLA é um país onde não se pode ser criança; as fábricas de lacticínios de Cela foram destruídas pelos «protectores sul-africanos».

Dito isto estão à vista as razões porque as necessidades mais prementes do povo angolano, no momento presente, são as seguintes: medicamentos, suplementos alimentares (bolachas, conservas, etc.), roupas, fundos para aquisição de farinhas lácteas.

MEDICAMENTOS

Necessidades primárias:

1 — ANTI-INFECCIOSOS

— antissépticos gerais e intestinais
— sulfamidas

— antibióticos

— antiparasitários e antipalúdicos

— antifúngicos

2 — ANALGÉSICOS E ANTIPIRÉTICOS

3 — ANTIESPASMÓDICOS E ANTICOLINÉRGICOS

COS

4 — VITAMINAS E SAIS MINERAIS

5 — ANTITÚSSICOS E EXPECTORANTES

6 — ANTIÁCIDOS E ANTIULCEROSOS

7 — ANTIASMÁTICOS

8 — HIPOTENSORES

NOTA — Todas as formas medicamentosas são úteis, orais, injectáveis e supositórios.

LOCAIS

ONDE SE PODEM ENTREGAR OS DONATIVOS

1 — Na A.P.A. (ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-ANGOLA), na Rua dos Condes, n.º 27, 2.º, aos Restauradores. Das 15 às 22 horas todos os dias úteis.

2 — No CIDAC (CENTRO DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO ANTICOLONIAL), na Rua Pinheiro Chagas, n.º 77, 2.º esq. — Avenida Nova. Das 10 às 14 e das 17 às 20.30 horas todos os dias úteis.

3 — Em todas as sedes e delegações dos partidos progressistas que tradicionalmente apoiaram a luta de libertação do povo angolano e o M.P.L.A.

SOLIDARIEDADE DO POVO PORTUGUÊS PARA COM O POVO ANGOLANO PORQUÊ?

Esquemáticamente:

1.º Porque Portugal, melhor, os detentores do poder político-militar em Portugal foram e são responsáveis pelos problemas e complicações da des-

unidade ameaça estilhaçar-se».

Esta Direcção vendida só tem conseguido prolongar a sua agonia à custa duma falsa democracia e dum basismo inconsequente, que mascaram a sua incapacidade de dirigir e mobilizar politicamente os trabalhadores na resistência contra a ameaça fascista e pela defesa

das suas conquistas, e também à custa das «habilidades» do sr Armando Santos, demagogo experiente que fez parte da direcção sindical que em 1969, por ocasião da morte do velho abutre Salazar, teve o descaramento de enviar um telegrama de «condolências».

Assim esta Direcção nunca apresenta propostas nem toma posição, não comparece às reuniões de delegados sindicais, distribui circulares numa linguagem «anti-social-fascista» que são uma provocação não só aos reformistas mas também aos revolucionários que com as suas forças, se têm batido em todas as lutas sindicais.

Mas os seus dias estão contados: um dos seus membros (AOC) demitiu-se por «doença»; outro (U. D. P.?) declarou publicamente que se demitiria, embora ainda o não tenha feito; um membro da Mesa insinuou em A. G. que se demitiria em breve; outro membro da direcção (P. S.) consta já ter apresen-

tado a sua demissão, facto que teria dado origem a uma reunião extraordinária para uma demissão colectiva.

A primeira vez que esta direcção traidora e oportunista defende em A. G. (no dia: 29 de Março) um documento — o seu relatório de 1975 — sofre uma derrota completa, tendo sido rejeitado esse aborto político e sindical e aprovado um voto de desconfiança à sua actuação.

A correcta actuação dos revolucionários desmascarando o oportunismo desta Direcção fantoche e denunciando o «namoro» dos reformistas com a social-democracia, tem tido como objectivo mostrar a cada vez mais amplas de trabalhadores que interessasse defender estes interesses defende esta Direcção e lançar as bases para uma unidade anticapitalista assente em processos concretos de luta.

A Frente que um grupo de trabalhadores se en-

contra empenhado em lançar será um dos passos decisivos na construção dessa unidade.

UNIR os trabalhadores antifascistas e revolucionários de seguros!
RESISTIR à reconver-

são capitalista dos seguros!

LUTAR PELO CONTROLE OPERÁRIO!
VENCER a batalha da reestruturação ao serviço dos interesses reais de todos os trabalhadores!

SEGUROS - Voto de desconfiança na direcção

Confirma-se a correcção da análise que fizemos no P. P. n.º 31 de 4 de Março («A agonia da Santa Alaiança»). Escrevemos nessa altura: «dividida internamente entre as diferentes facções (P. S., M. R. P. P., A. O. C., Base-FUT), impedida praticamente de funcionar, sem base de apoio nas últimas assembleias, a sua precária

unidade ameaça estilhaçar-se».

Seguros Alentejo não ao fascismo!

Os trabalhadores da Companhia de seguros «O Alentejo», reunidos na passada semana em Assembleia Geral extraordinária, aprovaram uma proposta de importante significado para a luta que há que fortalecer e que é a de barrar o caminho a qualquer espécie de actividade fascista.

Nos termos dessa proposta, deixa de ser admitida qualquer tipo de propaganda dentro do local de trabalho ao CDS, «partido que tem origem nas organizações fascistas», uma vez que «a democracia não pode significar a aceitação passiva pela classe trabalhadora da recuperação das forças fiéis ao capitalismo nacional e internacional que perseguiram ou eliminaram, durante quase 50 anos, aqueles que lutaram pela construção em Portugal dessa mesma democracia».

ASSINATURA

Poder Popular

6 meses 100\$00

12 meses 200\$00

apoio 400\$00

estrangeiro Europa 500\$00

Nome _____

Morada _____

Localidade _____

Profissão _____

ENVIO CHEQUE N.º _____ BANCO _____

ENVIO VALE DE CORREIO N.º _____

JORNAL SEMANAL — todas as 3.ªs-feiras

Propriedade do Movimento de Esquerda Socialista

Administração - Redacção Av. D. Carlos I - 128, Lisboa telefone 56 26 83

Composição e impressão Renascença Gráfica SARL Rua Luz Soriano, 44 Lisboa

Digamos não ao terrorismo!

Comunicado do Núcleo do M.E.S. de Vila Real de 4 de Abril de 1976.

«Após o golpe de direita do 25 de Novembro a burguesia passou ao ataque em todas as frentes juntando-se seus amigos tradicionais, os sectores mais reaccionários da Igreja Católica.

É assim que nos Açores, na Madeira, em muitos distritos do continente, nas fábricas, nos campos e nas escolas se assiste após essa data a uma feroz ofensiva que visa a recuperação capitalista do processo político português, retirando ao povo trabalhador todas as suas conquistas alcançadas com muito sofrimento.

Distinguem-se nessa ofensiva não só os Partidos de direita e extrema direita, como P.P.D., C.D.S., E.L.P. e M.D.L.P. mas também sectores reaccionários da Igreja Católica e caciques locais.

É comum o seu objectivo: executar um plano de golpe fascista no momento mais conveniente. Durante meses incendiaram sedes e partidos de esquerda e revolucionários, expulsaram os seus militantes para fora das suas terras. Hoje mais violentos, os neofascistas atacam à bomba, assassinam homens e mulheres progressistas. Isto exactamente no dia em que o C.D.S. vota contra a Constituição em S. Bento.

O nosso amigo e companheiro de longa data padre Maximino e a estudante antifascista Maria

de Lourdes são as primeiras vítimas de uma nova e dolorosa fase do processo político português, em que as armas dos neo-fascistas passaram à repressão sobre os melhores e mais dedicados de nós.

O padre Maximino dava aulas sem receber qualquer salário a trabalhadores do campo, na Cumieira, perto de Santa Marta de Penaguião.

O povo de Trás-os-Montes, há anos dominado por caciques e reaccionários, saberá encontrar no exemplo do padre Maximino a força necessária para se unir no combate ao avanço do fascismo, à opressão e exploração».

Concentração em Lisboa

Realizou-se ontem pelas 19.00 horas em Belém uma concentração-cómicio convocada pelos «cristãos pelo socialismo», MES e UDP, como protesto contra a impunidade com que vêm actuando os fascistas em especial no Norte

do País, culminada com o brutal assassinio do Padre Maximino conhecido antifascista da região e candidato da UDP à Constituinte.

Morte ao Fascismo!
O Fascismo não Passará!

Campanha eleitoral ou batalha campal?

Muito se fala em liberdade e na sua falta. Muito se fala, também, na reestruturação da Polícia e criação do Corpo de Intervenção, nova polícia de choque pomposamente elogiada como «garante da liberdade».

Muito se fala... e as realidades? Que nos dizem elas?

Apenas a título exemplificativo aqui descrevemos alguns incidentes que tiveram lugar, nestes últimos dias, com militantes do MES:

LISBOA — Retornados fazem provocações e PSP afirma nada ter a ver com a segurança do público.

No domingo, às 21.30, um grupo de militantes do MES colava cartazes junto ao Jardim Zoológico, no edifício onde funcionou uma escola da PIDE.

Surgem alguns indivíduos que ostensivamente desatam a arrancar cartazes. Abordados sobre qual a razão de tal procedimento desataram a insultar os nossos militantes afirmando serem retornados e contra todos os comunistas pois «perdemos tudo em Angola por causa de meia dúzia de parvalhões que fizemos o 25 de Abril».

Os indivíduos fizeram várias ameaças e provocações aos nossos militantes e mimosearam-nos mesmo com alguns encontros, ao mesmo tempo que gritavam a plenos pulmões: «Somos fascistas, sim senhor!».

Os militantes do MES recusaram responder às provocações e dirigiram-se a um agente da

GNR que se encontrava junto da entrada do Metro expondo-lhe o que se passava. «Arranjem-se que não é nada comigo» — foi a resposta. E face à argumentação apresentada prosseguiu — «se esses senhores fizeram isso é porque se meteram com eles».

Estando perto um agente da PSP foi-lhe também explicado o que se passava. Mas também ele afirmou não ser o assunto da sua conta, mostrando-se pouco impressionado com o facto de ser proibido por lei o arrancamento de propaganda eleitoral.

Mas não ficou por aqui a curiosa actuação destas «forças da ordem» (que entretanto não se têm poupado a esforços quando se trata de fazer rusgas a colectividades populares ou de fechar empresas e intimidar trabalhadores). Os nossos militantes pediram ao polícia que fosse com eles telefonar à esquadra. O homem aceitou, mas enquanto se fazia a ligação, e perante o espanto dos presentes, o polícia desatou a fugir, como se tivesse visto fantasmas (!?), desaparecendo nos corredores do Metro.

Entretanto o nosso camarada que já tinha conseguido a ligação para a esquadra de S. Domingos de Benfca, explicou a situação solicitando que fossem tomadas providências. Mais uma vez a resposta foi que «não era nada com eles, que não queriam saber da lei eleitoral, que nós que nos arranjássemos»...

COIMBRA

Entretanto, também os nossos camaradas que trabalham na campanha eleitoral no distrito de Coimbra têm sido vítimas de provocações, ameaças, e mesmo agressões físicas.

Na passada sexta-feira, quando um grupo de militantes do MES pintava o nosso emblema numa parede, foi cercado por um grupo de 30 ou 40 indivíduos, chefiados por um conhecido elemento do CDS, que ameaçaram: «apaguem imediatamente isso senão não saem daqui». Os nossos camaradas tentaram argumentar tendo sido imediatamente um deles agredido a soco. Os nossos camaradas não responderam às provocações, tendo afirmado que voltariam àquela terra no domingo para uma sessão de esclarecimento, e que então apagariam ou não as inscrições conforme o que a população decidisse.

No domingo realizou-se a sessão, e os presentes foram de opinião de que não era de apagar as pinturas. No entanto os nossos camaradas foram falar com o dono da casa, e como este se mostrasse interessado em que a casa fosse limpa, juntamente com muitos elementos da terra, os militantes do MES fizeram-lhe a vontade.

Mais tarde, dirigiram-se à aldeia vizinha — Poaires, onde contactaram com muita gente e colaram propaganda anunciando uma próxima

sessão ali. Os nossos camaradas avistaram por ali o elemento do CDS que dias antes chefiara os provocadores. A certa altura, quando se procedia às colagens, sai de dentro de uma casa aos gritos e de chicote em punho, tentando agredir os nossos camaradas.

Obviamente combinado com este, surgiu um carro com mais dois elementos que gritavam «comunistas! Ladrões da liberdade!» e que efectuaram tentativas de agressão.

Note-se que o posto da GNR ficava a menos de dez metros, e ninguém interveio...!!!

O enérgumo que surgira com o chicote foi então tocar a sirene dos bombeiros para chamar a população contra os nossos camaradas. Mas as contas saíram-lhe erradas, pois os populares, tendo-se inteirado do que se passava puseram-se do nosso lado, dando-nos todo o apoio e insistindo para que na próxima terça-feira lá fossemos realizar a prevista sessão de esclarecimento. E os militantes do MES ainda trouxeram o chicote como prova. O provocador lá ficou, talvez admirado com a reacção dos seus conterrâneos, repetindo incansavelmente que «o que é preciso é fritar todos os comunistas numa frigideira».

E assim vão estas «eleições democráticas», neste País «democrático» onde todos estamos seguros graças aos «técnicos da ordem» que agora integram a Polícia.

BREVE

O ELP JÁ VEM DE JEEP!

Noticiaram os jornais a detenção na fronteira, quando avançavam para Portugal, de um ex-pide e de um ex-comando tripulando 2 viaturas carregadas com armas automáticas e explosivos.

O outrora a «Luta» e quejandos inventavam e rebuscavam armas que os esquerdistas teriam roubado para as utilizarem em assaltos a bancos, «matanças da Páscoa», golpes de Estado, etc.

Hoje o diário do sinistrado Rego já se não interessa por armamentos, embora o ex-comando não fosse outro senão o famoso assassino da Guiné — Marcelino da Mata!...

No norte do País, depois de um programa de destruição (regularmente cumprido) que ia de sindicatos a instalações universitárias, os fascistas passaram à eliminação física daqueles que se lhe opõem. As altas instâncias militares dizem que estão atentas e as bombas continuam!...

Depois do guarda-costas do Soares que vendia armas a quadrilhas vemos um ex-aluno do Jaime Neves tentar entrar de Jeep e de armas aperradas em Portugal...

Em breve, por este andar, os fascistas serão bem menos discretos: apresentar-se-ão em coluna e de blindado (chaimites, provavelmente...).

Carta de um camarada deficiente das F.A.

Antes do 25 de Abril os soldados armados enganados pelos comandos fascistas de S. Salazar e Caetano andaram nas ex-colónias a defender os interesses da burguesia nacional e do imperialismo.

Dessas lutas assassinas contra os nossos irmãos de classe saíram os deficientes das Forças Armadas à qual eu pertenço. Com uma fractura do braço direito, desempregado com família para sustentar, recebo uma pensão de miséria que a continuar assim eu e os meus familiares não conseguiremos viver.

Ao passo que vejo os retornados ricos a receberem importâncias muito superiores, passando os 7 dias da semana em luxuosos carros, alimentando-se e dormindo em grandes hotéis e recreando-se nos casinos juntamente com aqueles que nos campos e nas fábricas exploram os camaradas trabalhadores.

Embora a pensão que ainda hoje recebo seja pequena, a verdade é que antes do 25 de Novembro o aumento do custo de vida não se sentia como hoje, tínhamos a solidariedade dos camaradas soldados e outros trabalhadores, tínhamos além disso a possibilidade de lutarmos aberta-

mente por melhores condições de vida, ou seja: pelo fim das pensões de miséria, pelo fim da assistência médica caduca e pela inclusão no trabalho dentro das nossas capacidades. E o que aconteceu camaradas depois do 25 de Novembro? Não falando na feroz repressão que se abate sobre o povo trabalhador, sobre os soldados revolucionários, sobre os órgãos de informação progressistas, nunca mais ouvi falar nos deficientes das Forças Armadas.

Estaremos como tantos outros sujeitos à fome e à miséria quando a culpa é daqueles que nas fábricas e nos campos nos exploram e reprimem e nos quartéis nos impõe a disciplina fascista.

Camaradas do MES espero que publiqueis a minha carta e que ela seja por parte dos deficientes das Forças Armadas, que como eu foram carne para canhão ao serviço da burguesia e do imperialismo, o reinício da luta contra as pensões de miséria, contra os exércitos da burguesia, o pluralismo do comandante, por pensões justas, pelo direito ao trabalho, pelo Exército Popular, pela Revolução Socialista.

O "NOVO" EXÉRCITO: AO SERVIÇO DA BURGUESIA E DO IMPERIALISMO!

1. Nos últimos tempos temos assistido a um aumento constante dos boatos sobre golpes e mais golpes. Lemos os jornais e os responsáveis militares negam que haja golpes; falamos com amigos e logo nos vêm perguntar se vai haver golpe. Estes indícios mostram que se a burguesia conseguiu em 25 de Novembro uma derrota das forças populares, não conseguiu uma vitória definitiva e contínua, dividida e minada por contradições entre algumas das suas diferentes facções (pequena burguesia contra o grande capital, oficial

Além disso, as disputas internas à própria burguesia dificultam-lhe a manobra. De tudo isto resulta ser bem provável que continuemos a viver em instabilidade política constante o que faz temer que a burguesia venha mesmo a tentar o tal golpe. Portanto, o golpe militar, se vier, será o único processo que uma das facções da burguesia, o grande capital, encontrou para resolver a questão das suas divisões internas e da continuação da dominação e da exploração dos trabalhadores. Neste caso a burguesia, consciente que as regras do jogo da

ceios, o nosso derrotismo, os nossos desânimos, a nossa falta de capacidade para desencadear e dirigir lutas, a nossa desorganização. Não podemos pois deixar-nos invadir pelo derrotismo; pelo contrário temos que ganhar ânimo para o nosso trabalho e para incutir ânimo no trabalho dos camaradas. Outra força importante com que a direita conta são os oficiais reacçãoários e fascizantes, e todo aquele que, em nome do «apartidarismo» oprime os soldados e se propõe reprimir os trabalhadores. Neste grupo detectam-se os oficiais do Estado-Maior que se comportam como uma casta à parte e superior aos outros. São realmente perfeitos a fazer a guerra no papel mas são extremamente perigosos a conspirar e parece que neste momento muitos conspiram. São especialmente importantes ainda a Força Aérea e alguns sectores da Marinha. E não nos podemos esquecer das forças militarizadas (P. S. P., G. N. R. e G. F.) agora unificadas sob um «Estado-Maior das Forças de Segurança» ondem mandam homens como o major Cerqueira da Rocha e o tenente Passos Esmeriz, homens da máxima confiança da burguesia, que obedientemente reprimirão o povo sempre que a «ordem» social (Burguesia) tenha sido posta em causa pelos trabalhadores. A direita conta ainda com o imperialismo e os seus agentes em Portugal: Mário Soares na sua recente viagem aos Estados Unidos teve discussões com Kissinger tentando convencê-lo de que se os soviéticos avançam tanto neste momento em África e noutros pontos isso era por causa da timidez de intervenção dos americanos. Deste modo se apaziguaram as relações entre o embaixador «yankee» Carlucci que, bom psicólogo, sempre defendeu que Soares era a melhor barreira ao comunismo, e Kissinger que entendia que era Sá Carneiro.

Além disso, outros partidos de direita dão a colaboração de fornecer a «ideologia» à oficialagem reacçãoária.

4. Que método usa a direita para reprimir os soldados e o povo trabalhador?

É evidente que a direita, quando tem força para isso, reprime. Primeiro usa as forças policiais normais, depois as forças de intervenção da Polícia (técnicos na arte de reprimir) e se nada consegue, usa os soldados, as Forças Armadas. Mas então como consegue a direita pôr soldados, que são trabalhadores fardados, a reprimir outros trabalhadores, trabalhadores fuzilando-se uns aos outros? Para resolver a dificuldade criou o exército profissional (comandos, páras, Polícia do Exército, fuzileiros) que tanto servirão para manter a ordem nas fábricas e nos campos como nos quartéis, se necessário.

Mas fundamentalmente todos os métodos se podem resumir em MILITARISMO, isto é, a ideologia segregada pela própria casta militar que impõe uma disciplina baseada na obediência à hierarquia, na ausência de democracia nos quartéis, nos códigos militares, no R. D. M., etc., etc.

Para melhor ter bem as forças controladas, tenta-se neste momento aprovar o Plano de Reestruturação do Exército que podemos resumir assim:

- a) a reestruturação será segundo o modelo do Exército tradicional;
- b) está posta de parte qualquer hipótese de colaboração militar com as ex-colónias;
- c) estreitamento de relações com a N. A. T. O. para obter reequipamento moderno e gratuitamente;
- d) o Exército será constituído por dois tipos de forças: contactadas por voluntariado e regulares que passarão a ter talvez apenas 12 meses de serviço obrigatório;
- e) a instrução futura será na base de prever e actuar contra acções maciças ou de guerrilha;
- f) a reorganização será na perspectiva de criar grande aparato militar em torno dos grandes centros urbanos;
- g) será ainda criada uma BRIGADA N. A. T. O., cujo estado-maior provavelmente já está constituído e que deverá estar perfeitamente operacional em fins de Maio, princípios de Junho. Constará sobretudo com tropas contratadas e com equipamentos que virão da N. A. T. O. e estará em Portugal prevê-se, no prazo máximo de dois meses. Terá o

comando em Santa Margarida e subcomandos na Itália e Turquia e contará, em Portugal, com as seguintes forças:

- pelo menos com uma companhia de comandos;
- para-quadistas;
- regimento de Carros de Santa Margarida;
- Regimento de Transportes de Santa Margarida;
- 4.º Escalão do Serviço de Material
- Regimento de Infantaria da Guarda.

Esta brigada N. A. T. O. era um velho sonho dos militaristas portugueses que só a guerra colonial impediu de concretizar pela impossibilidade de dispor dessas forças.

Em resumo: três características fundamentais apresentará o novo «Exército Reestruturado»:

- 1.º — Será um exército tradicional (...) mas novo (...);
- 2.º — será um exército profissional principalmente, isto é, um exército de mercenários;
- 3.º — estará claramente ao serviço do imperialismo americano, através da N. A. T. O.

5. Com que forças contamos nós?

Numa luta de vida ou de morte como esta que travamos contra a burguesia e os seus lacaios, nós que estamos nos quartéis, temos mais do que nunca um papel importante a desempenhar. Em Portugal como em todo o lado, tem poder quem tem força. E con-

podem da burguesia, que assenta na repressão e na opressão, cai pela base.

Assim, camaradas soldados, marinheiros, sargentos e oficiais progressistas, neste momento a tarefa principal é a organização em torno de uma plataforma de luta para os quartéis que aponte claramente os objectivos tácticos que correspondem à actual fase de luta antimilitarista e para organizar a resistência ao avanço do fascismo e a reconversão capitalista da economia.

Por isso o M. E. S. entende que é necessária a constituição de Comités de Resistência Popular nos quartéis.

Os C. R. P. são os embriões do Movimento de Resistência Popular nos quartéis, fundamental para reagrupar as forças dispersas e depois passar da defensiva à ofensiva.

Não são, pois, as eleições para qualquer Assembleia Constituinte ou de República que vão permitir os avanços fundamentais das lutas dos trabalhadores. Ai as várias facções da burguesia apenas procuram partilhar o bolo do Poder. Por isso é importante que ai estejam também deputados revolucionários que denunciem essas manobras e levem para o Parlamento as posições dos trabalhadores.

Mas mais importante do que isso é termos que



NÓS...

progressistas contra oficiais reacçãoários e até fascistas, etc.). Realmente a burguesia sente que ainda não consegue governar calmamente e todos nós sabemos porquê. Porque a resistência popular nas fábricas, nos campos, nos quartéis, é um facto, as massas populares não desistiram de defender as suas conquistas nem se remeteram a uma posição de derrotados que tenham desistido da vitória.

2. Então a burguesia tenta por todos os meios ao seu alcance conseguir uma situação que lhe permita governar. Por isso vai tentar utilizar as eleições para a Assembleia da República e para a Presidência da República. O ideal para a burguesia seria que as forças de direita ganhassem com uma margem significativa de votos. Mas provavelmente as eleições não lhes vão dar uma vitória retumbante que permita ter margem para mandar, para facilmente se desembaraçar dos entraves do Movimento Popular.

3. Com que força conta a burguesia?

A burguesia conta com muitas forças, algumas das quais se encontram do nosso lado sem o saberem.

A primeira força da burguesia é a nossa riqueza, os nossos re-

democracia burguesa não lhe resolvem as dificuldades, encarregará um ou vários sectores de direita ou mesmo os fascistas das Forças Armadas que, claramente ao seu serviço dispensarão os serviços da «democracia» burguesa, imporão a ordem nas suas fábricas e nos campos. Nos quartéis já está! Que o digam os nosso camaradas soldados, marinheiros, sargentos e oficiais progressistas saneados, presos, acusados e punidos, etc., com a nova disciplina e o discurso do já mal cheiroso «apartidarismo»! É assim importante ter presente estes dois objectivos de luta nas Forças Armadas: a luta pelas liberdades democráticas (reunião, informação e discussão) e a recusa em reprimir a luta dos trabalhadores.

Além disso, outros partidos de direita dão a colaboração de fornecer a «ideologia» à oficialagem reacçãoária.

4. Que método usa a direita para reprimir os soldados e o povo trabalhador?

É evidente que a direita, quando tem força para isso, reprime. Primeiro usa as forças policiais normais, depois as forças de intervenção da Polícia (técnicos na arte de reprimir) e se nada consegue, usa os soldados, as Forças Armadas. Mas então como consegue a direita pôr soldados, que são trabalhadores fardados, a reprimir outros trabalhadores, trabalhadores fuzilando-se uns aos outros? Para resolver a dificuldade criou o exército profissional (comandos, páras, Polícia do Exército, fuzileiros) que tanto servirão para manter a ordem nas fábricas e nos campos como nos quartéis, se necessário.

5. Com que forças contamos nós?

Numa luta de vida ou de morte como esta que travamos contra a burguesia e os seus lacaios, nós que estamos nos quartéis, temos mais do que nunca um papel importante a desempenhar. Em Portugal como em todo o lado, tem poder quem tem força. E con-



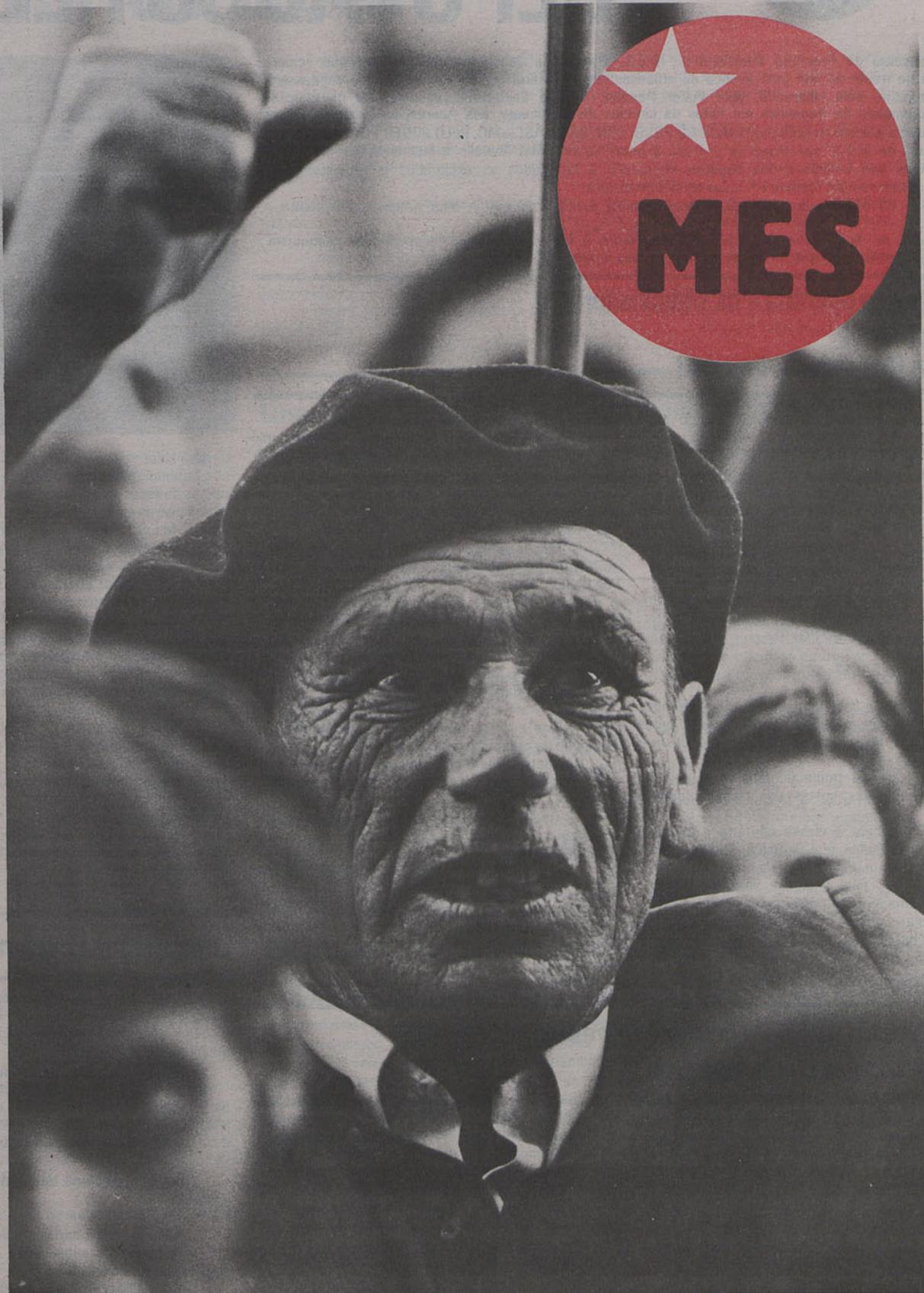
...O INIMIGO

cluíramos do que ficou para trás que a direita tem mais força do que as massas populares. Mas nós sabemos que não há nada que resista às massas organizadas. As massas, se estiverem organizadas, roubam os soldados à burguesia pois eles não resistem ao chamamento dos seus irmãos de classe explorados e oprimidos. E o

organizar as nossas próprias forças para o terreno da luta dos revolucionários, aquele onde a burguesia não entra: a luta de massas.

Pela liberdade democrática nos quartéis!
Contra o imperialismo, independência nacional!
Contra a repressão e o militarismo, pelo exército popular!

MANIFESTO





CANDIDATOS DO MES DEPUTADOS PELO PODER POPULAR!

O Movimento de Esquerda Socialista — M.E.S., Partido da esquerda revolucionária que sempre tem estado na frente na luta pelo avanço do processo revolucionária contra o fascismo e o capitalismo, pela Democracia, pela Liberdade, pelo Poder Popular e pelo Socialismo, candidata-se às eleições para a Assembleia da República em todos os círculos do Continente, nos Açores, na Madeira e pela emigração sob a palavra de ordem **UNIDADE DO POVO, CONTRA O FASCISMO, PELO PODER POPULAR.**

As listas do M.E.S. são listas de unidade e nelas se integram homens e mulheres que se batem nas empresas, nos bairros e nos campos, chamando à luta todos os explorados e oprimidos, sem sectarismo, como sempre fizemos em todas as circunstâncias.

As listas do M.E.S. são listas de unidade contra o fascismo que é uma ameaça real contra o povo.

As listas do M.E.S. são listas de unidade contra o fascismo e pelo Poder Popular, conquista e experiência decisiva dos trabalhadores na luta pela sua libertação e pelo socialismo.

Unir a classe operária e os trabalhadores

Unir o povo Erguer a Resistência Popular!

Perante o avanço dos exploradores do povo e da ameaça fascista, perante a repressão que se organiza e se abate já sobre ele, perante a mentira e a calúnia que imperam e com que tentam dividir o povo, perante a ameaça da miséria e da exploração redobrada, o M.E.S., Partido da esquerda revolucionária, empenha-se com todas as forças e **apela à luta:**

- pela unidade dos revolucionários;
- pela unidade da classe operária;
- pela unidade dos trabalhadores nas cidades, nos campos, nas minas e no mar;
- **PELA UNIDADE DO POVO!**

Mas que UNIDADE?

O M.E.S. luta e os seus deputados — deputados pelo Poder Popular — lutarão contra tudo e todos os que tentam dividir os trabalhadores e destruir as suas organizações.

O M.E.S. recusa frontalmente a falsa unidade em gabinetes e nas costas dos trabalhadores e do povo.

O M.E.S. aponta à classe operária e ao povo trabalhador a unidade real, a única UNIDADE real, a unidade forjada na luta pela defesa dos interesses comuns, em que com a classe operária à frente com os trabalhadores e o povo se constrói um movimento popular capaz de opor uma muralha à contra-ofensiva da burguesia e destruir a ameaça fascista.

O M.E.S. luta contra o pluralismo e o controlo burocrático dos sindicatos, luta pela unicidade e

democraticidade das organizações sindicais.

O M.E.S. luta contra o sectarismo e o dirigismo que fazem da Intersindical um instrumento de conciliação de classes e aponta aos trabalhadores a construção duma Central Sindical Única onde a democracia interna e uma linha sindical estejam asseguradas, como objectivo imediato e inadiável.

O M.E.S. luta e chama a classe operária e o povo a lutar pela defesa intrasigente dos órgãos de Poder Popular.

O M.E.S. apela a todo o povo trabalhador, a todos os revolucionários e antifascistas que se unam e organizem por todo o país em comités unitários, lançando as bases de uma poderosa frente de massas antifascista, anticapitalista e anti-imperialista.

Sem unidade e organização não há força e sem força não há vitória. Apontando o caminho da unidade e da luta o M.E.S. aponta também o caminho da organização.

Aos derrotistas e conciliadores, aos que objectivamente nos querem conduzir à derrota, perguntamos:

— Que força há aí capaz de resistir à classe operária e ao povo unidos e organizados?

NENHUMA!
Por isso o M.E.S. ao apelar à unidade, à organização do povo contra os exploradores e a ameaça fascista, ao apontar o caminho da RESISTÊNCIA POPULAR aponta o único caminho capaz de impedir o regresso ao fascismo e a miséria e de **LEVAR O POVO À VITÓRIA DEFINITIVA SOBRE TODA A EXPLORAÇÃO!**

Lutar contra o fascismo contra a repressão e a mentira pela democracia e pela liberdade!

O M.E.S. lutou, luta e lutará na vanguarda do movimento popular pela democracia e pela liberdade contra o fascismo que de novo ameaça o nosso país.

O M.E.S. luta e lutará contra o ataque cerrado dos exploradores que manejam as suas armas de sempre, a **repressão e a mentira**, para restaurar os privilégios e o poder ameaçados pelo vigor e determinação do movimento popular.

Unidos e organizados saberemos defender as organizações e as conquistas revolucionárias do povo

As Comissões de Trabalhadores, de Moradores, os Conselhos de Aldeia e as Assembleias Populares: Os Sindicatos e a unidade do Movimento Sindical;

As Ligas e associações camponesas; As liberdades de reunião, associação e manifestação do povo trabalhador;

São a mais forte barreira contra a repressão e o fascismo em volta da qual devemos cerrar fileiras.

Unidos e organizados saberemos fazer face à repressão

O M.E.S. — Partido da esquerda revolucionária



— diz à classe operária e ao povo:

Lutemos pela libertação e reintegração nos seus postos de todos os militares antifascistas e revolucionários presos e saneados!

O M.E.S. denuncia a profissionalização das Forças Armadas! O povo não quer mercenários nos quartéis.

Lutemos pela liberdades de reunião e informação nos quartéis!

A reorganização dos fascistas, as leis de excepção, a ingerência do Estado nas organizações democráticas das massas trabalhadoras e a reorganização das forças repressivas do Estado são outras tantas facetas do ataque generalizado das forças do capital contra o povo e as suas conquistas.

O M.E.S. denuncia a reorganização da PSP e da GNR, novas e monstruosas polícias de choque ao serviço do capital!

O M.E.S. denuncia a libertação descarada dos Pides e criminosos fascistas!

O regresso dos patrões e dos saneados das empresas e do Estado são ultrage autêntico às conquistas do povo, como as nacionalizações e o controlo operário nas empresas.

A liberdade de acção das organizações dos

Lutar contra a exploração e a miséria!

— Que medidas interessam aos trabalhadores e ao povo?

Que objectivos apontamos à luta do povo contra a exploração e a miséria?

O M.E.S. — Partido da esquerda revolucionária — define como programa de luta, como programa de luta dos seus deputados e como programa de luta contra a miséria e a exploração, e aponta à classe operária e ao povo o seguinte:

Lutar pela melhoria das condições de trabalho e de vida

- aumento dos salários e redução dos leques
- aumento do subsídio de desemprego e das pensões de reforma
- salário completo na doença
- redução do horário e dos ritmos do trabalho e limitações das horas extraordinárias

grandes agrários como a CAP é ameaça insolente à Reforma Agrária e à determinação dos trabalhadores do campo varrerem de vez a exploração e a opressão dos latifundiários e dos capitalismo.

Unidos e organizados saberemos desmascarar as mentiras e as calúnias dos burgueses

A manipulação da opinião pública pelos meios de informação dos reaccionários, os ataques aos meios de informação progressistas, os trabalhadores progressistas de informação saneados pela direita, são outros tantos meios que a burguesia e os seus lacaios têm usado para reprimir o povo e atacar as suas conquistas, a democracia e a liberdade.

O M.E.S. — Partido da esquerda revolucionária — diz à classe operária e ao povo:

Defendamos os meios de informação progressistas!

Reintegração dos progressistas da informação saneados, já!

Ergamos uma informação livre e popular nas empresas e nos bairros, uma imprensa regional livre e popular!

— congelamento do preço dos produtos de primeira necessidade e combate à sua escassez motivada pela especulação e pelo mercado negro.

— fim aos despedimentos colectivos e sem justa causa

— defesa das ocupações e dos abaixamentos de rendas

— realojamento, educação, saúde e transportes melhores e mais baratos

— uma Previdência ao serviço dos trabalhadores e gerida por eles

Consolidação das Nacionalizações e da Reforma Agrária

- desmantelamento dos grupos financeiros
- desenvolvimento do controlo operário
- organização dos trabalhadores rurais, garantindo a gestão colectiva das herdades e coopera-

tivas e a organização do campesinato pobre com vista à resolução dos seus problemas mais imediatos em ligação crescente com os trabalhadores rurais e a classe operária.

Combate à reconversão capitalista da economia portuguesa

— contra o aumento dos horários e ritmos de trabalho

— contra o regresso dos patrões

— contra o boicote da contratação colectiva

— contra o boicote das empresas geridas pelos trabalhadores

— contra o boicote das empresas geridas pelos trabalhadores

— contra a política que visa fazer dos sectores

nacionalizados a base de acumulação do capital privado e preparar o enfeudamento de Portugal ao capital estrangeiro.

Combate às medidas políticas antipopulares

— pelo direito à greve — greve sim, lock-out não;

— revogação da lei que permite os despedimentos sem justa causa. Direito ao trabalho sim, desemprego não!

— revogação da lei da contratação colectiva

— contra a discriminação de que são vítimas os trabalhadores da função pública, quanto ao exercício da acção sindical e contratação

— contra a ingerência do Governo nos Sindicatos.

Lutar contra o Imperialismo e pela Independência Nacional!

Por mais que os ministros burgueses do VI Governo apregoem os seus propósitos de garantir a independência do nosso país, a verdade salta à vista.

O poder reaccionário instalado depois do 25 de Novembro faz uma política de venda da nossa Pátria ao imperialismo!

Os partidos que partilham o poder... é ver os seus dirigentes de chapéu na mão por essa Europa fora pedindo empréstimos aos capitalistas estrangeiros.

Queira ou não queira o ministro Zenha, as reservas de ouro já começaram a ser hipotecadas aos bancos estrangeiros.

Todos querem aparecer perante o povo como defensores da independência nacional. Mas, perante a burguesia é vê-los competir a ver quem tem mais «amigos» no estrangeiro... «amigos» que o povo bem conhece. Foi a eles que Salazar e Caetano abriram as portas para que se instalassem a sugar o trabalho dos portugueses... E assim que a luta do povo impôs a subida de salários, a melhoria das condições de trabalho, o controlo dos trabalhadores sobre a produção, o que é que aconteceu?

Malinhas feitas às escondidas, toca de fechar

as empresas e transferir o negócio para outro sítio onde o povo ainda esteja enganado ou adormecido!

O povo não deseja esses «amigos». O povo trabalhador sabe que tem de contar essencialmente com as suas próprias forças e o único apoio que deseja é aquele que lhe vem dos que, dos seus países, também lutam contra a exploração e a miséria.

Os acordos económicos e militares com os países imperialistas, o Mercado Comum e a NATO são outras tantas maneiras de vender o País ao capital internacional e fazer dele joquete nas disputas entre as grandes potências.

O MES, que coloca como grande objectivo de luta do povo a independência nacional diz:

Não à dependência do nosso país ao imperialismo internacional!

Não à venda do País ao capital estrangeiro! Portugal fora da NATO! NATO fora de Portugal!

Portugal não será joquete das grandes potências!

Sim à aliança entre os povos e países em luta contra o imperialismo e pela independência nacional!

Sim à aliança com os povos irmãos da Guiné-Cabo Verde, Angola e Moçambique!

Lutar contra o capitalismo pelo Poder Popular e pelo Socialismo!

O fascismo é a ditadura dos capitalistas sem a capa das falsas liberdades e da falsa democracia. A ameaça fascista será derrotada quando estiver destruída a raiz do mal: a exploração do capital sobre o povo trabalhador, a vida faustosa duma meia-dúzia de parasitas à custa da miséria da maioria.

Hoje a tarefa imediata que o MES aponta à classe operária e ao povo é **unir para resistir.**

Mas lutando contra o fascismo e a repressão burguesas não perderemos um minuto em reagrupar as forças populares para retomar a ofensiva, lutando e vencendo o capitalismo e o imperialismo.

Defendendo as preciosas conquistas do movimento popular, defendendo o controlo operário e o Poder Popular preparamos o futuro radioso e

livre do povo português, a construção dum País socialista e independente.

O caminho que o MES aponta à classe operária e ao povo é o caminho que a experiência encetada com o 25 de Abril comprovou.

É o caminho do Poder Popular.

É o caminho do controlo operário dos trabalhadores sobre a produção.

É o caminho das Assembleias Populares, em que o povo não delega em ninguém a expressão da sua vontade e toma nas suas próprias mãos a direcção de toda a sociedade.

É o caminho do socialismo e da independência nacional, aspiração universal de todas as classes oprimidas, para construirmos uma sociedade sem classes, sem exploradores nem explorados.

VOTAR MES PORQUÊ?

VOTAR NO MES É VOTAR NA UNIDADE DO POVO

O M. E. S. — Partido da esquerda revolucionária — demonstrou nestes últimos dois anos e nas circunstâncias mais diversas e difíceis ser a organização que mais consequentemente defendeu a unidade do Povo.

Provou-o lutando no M. D. P. / C. D. E. pela efectiva unidade de todos os democratas antifascistas e do povo e só abandonando esta organização quando ela, enterrando o que de mais rico possuía, decidiu transformar-se em «Partido» apoiando outro partido.

Provou-o ao empenhar todas as suas forças na construção da F. U. R. e na unidade de todos os revolucionários civis e militares para evitar a derrota que à classe operária e ao povo viria a ser infligida no 25 de Novembro.

Provou-o na forma como hoje, após o 25 de Novembro, se empenhou em unir as massas na luta pela libertação dos antifascistas e revolucionários presos e contra o avanço da ameaça fascista.

Provou-o finalmente na forma como se empenhou na construção duma frente eleitoral unitária de esquerda.

Por isso dizemos: é indispensável votar no M. E. S. porque só os deputados do M. E. S. saberão lutar consequentemente pela unidade dos revolucionários, da classe operária e dos trabalhadores, pela UNIDADE DO POVO.

VOTAR M. E. S. É VOTAR CONTRA O FASCISMO

O M. E. S. demonstrou igualmente nestes últimos dois anos ser o partido que mais consequentemente lutou contra o fascismo, denunciando a preparação de todas as tentativas golpistas dos fascistas e chamando o povo à luta nos momentos decisivos.

Provou-o ao ser a única organização que denunciou as manobras de Spínola, Palma Carlos e Sá Carneiro na reunião do M. F. A. que teve lugar na Manutenção Militar em Junho de 1974.

Provou-o ao ser a única organização que denunciou o golpe spinolista que viria a ser derrotada no 28 de Setembro, quando os outros partidos ainda iludiam o povo promovendo manifestações de apoio ao então Presidente da República.

Provou-o denunciando o avanço dos spinolistas que viriam de modo assassino atacar o RALIS no dia 11 de Março e ao ser o único partido a atacar as eleições para a Constituinte de há um ano e ao denunciar o Pacto M. F. A./Partidos — afirmando bem alto que o fascismo não se controla ataca-se.

Provou-o ao denunciar o que representaram as posições sociais-democratas que abriam as portas ao fascismo, como se veio a confirmar no 25 de Novembro.

Por isso dizemos: é indispensável votar no M. E. S., porque só os deputados do M. E. S. saberão denunciar na Assembleia da República, aproveitando o seu estatuto, as manobras dos inimigos do povo e os avanços da ameaça fascista.

VOTAR NO M. E. S. É VOTAR NO PODER POPULAR

O M. E. S. demonstrou também nestes dois anos ser o único partido que consequentemente soube lutar pelo Poder Popular. Milhares e milhares de trabalhadores reconhecem estas verdades ao identificar sem hesitações o M. E. S. como Partido do Poder Popular.

Desde o 25 de Abril sempre dissémos que sem a organização dos trabalhadores nos seus locais de trabalho e de habitação em órgãos capazes de erguer o seu próprio poder contra o poder dos exploradores, o caminho para o socialismo não era possível.

Contra os que apontavam ao povo falsas muralhas a opor à conspiração e ao golpe fascista; contra os que diziam que «Povo/M. F. A.» era a aliança indestrutível, quando afinal a Assembleia do M. F. A. de Tancos a desfez como se fosse um baralho de cartas, o M. E. S. — partido da esquerda revolucionária — apontou o caminho seguro do Poder Popular onde pela primeira vez na história do nosso país, a vontade organizada do povo se uniu à força dos soldados e marinheiros, sargentos e oficiais progressistas, o caminho apontado pelo «Documento-Guia».

O Poder Popular sofreu uma primeira derrota importante no 25 de Novembro.

Mas o caminho está traçado.

Não será uma «maioria de esquerda» na Assembleia que derrotará a conspiração fascista!

Não serão os partidos que se dizem revolucionários mas sempre desarmaram o povo criando-lhes falsas ilusões em «salvadores» que serão os porta-vozes seguros do movimento popular e denunciarão no momento preciso a traição e a conspiração.

Na Assembleia, reaccionários e falsos democratas tudo farão para incitar os militares de direita ao golpe fascista, à repressão sobre o povo e os seus órgãos de poder e de luta. É certo que não é na Assembleia que as forças populares derrotarão a ameaça fascista e a ofensiva dos exploradores.

Mas é necessário levar também à Assembleia a voz do movimento popular, a voz do Poder Popular, para denunciar as manobras das forças do capital, da reacção e do fascismo.

Por isso dizemos: é indispensável votar no M. E. S., porque só os deputados do M. E. S. saberão fazer da Assembleia da República uma tribuna inteiramente ao serviço e na defesa do Poder Popular!



Nuno Teotónio Pereira

candidato n.º 1 pelo Círculo de Lisboa

Arquiteto, 54 anos de idade, natural de Lisboa, autor ou co-autor de alguns edifícios significativos da arquitectura moderna em Portugal.

Participou em fins da década de 50 na redacção de vários documentos de cristãos progressistas contra a ditadura fascista.

Após o início da guerra colonial participou na publicação de cadernos clandestinos antifascistas e anticolonialistas, nomeadamente o «Direito à Informação».

Presidente da Cooperativa PRAGMA encerrada pela P.I.D.E. em 1967, e subseqüente prisão.

Fez parte do Movimento GEDOC, tendo sido novamente preso e mais tarde julgado em Tribunal Plenário.

Participou na vigília da Igreja de S. Domingos contra a guerra colonial e no caso da capela do Rato, o que lhe originou nova prisão.

Preso e torturado pela P.I.D.E. em 1973, por apoio logístico a acções armadas e responsabilidades nos BAC — «Boletins Anticoloniais» — tendo sido libertado após o 25 de Abril, quando aguardava julgamento.

Participou activamente na luta antifascista e anticolonialista, em frentes de esquerda e no terreno cristão progressista, tendo estado ligado a inúmeras organizações de carácter ilegal ou clandestino.

Fez parte do grupo de militantes que desde 1966, no seio da C.D.E., desenvolveu uma actividade política consequentemente antifascista e antipolicialista; faz parte do grupo de militantes revolucionários que abriram o caminho que conduziu ao MES.

É militante do Movimento «Cristãos pelo Socialismo».

Fez parte da Comissão Política Nacional do M.E.S. e actualmente é membro do Comité Central do nosso Partido.

Representou o M.E.S. em vários contactos internacionais, nomeadamente nas independências de Moçambique e Angola, a convite dos respectivos Movimentos de Libertação.

Foi candidato a deputado por Portalegre nas eleições de 1969 (C.D.E.) e 1975 (M.E.S.).

UNIDADE DO POVO CONTRA O FASCISMO PELO PODER POPULAR!